

Maria Isabel Villac

*t*

*TÉCNICA, ARTE e QUESTÕES  
FUNDAMENTAIS DA EXISTÊNCIA.  
CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO  
DE PAULO MENDES DA ROCHA*

RESUMO

O enfoque deste documento tem como escopo discutir a relevância da técnica e da arte no discurso na arquitetura de Paulo Mendes da Rocha. Examina os textos do arquiteto comprometido com a práxis e discute “técnica” à luz da importância que assume na configuração da arquitetura e de sua dependência a um programa de vida inerente à humanidade. A dimensão da “arte”, por sua vez, integrada à vida, é observada como a que garante a condição sempre inaugural da obra e o prolongamento de características inerentes aos processos ordinários do cotidiano. A argumentação do texto se faz a partir das palavras do arquiteto – considerados as memórias de projeto, as aulas ministradas, os depoimentos e as entrevistas publicadas. Defende a posição que as especulações e o sentido ético que revela o discurso são integrantes de um “corpo de conhecimentos” inerente ao “modus operandi” do Projeto. Para os que conhecem ou se aproximam da obra, o acolhimento das palavras do arquiteto explicita que o saber da arquitetura está na discussão de um horizonte que implica o sujeito, o gênero humano e o mundo que constrói. Este arco intencional, que se revela no traço individual da obra, se ampara na racionalidade e ensina que a espacialidade é uma condição e um valor da vida, um discurso e uma ação histórica interdependentes à sensibilidade artística da natureza humana. Na arquitetura de Paulo Mendes da Rocha, que aspira ser a expressão da objetividade como designação “radical” da técnica, é no retroceder aos textos do arquiteto comprometido com a práxis e envolvido diretamente com a produção dos sentidos da arquitetura, que o discurso revela que: na “naturalidade inclusiva” da dimensão estética se instaura a mediação entre desejo e experiência e que são os impulsos e sentidos do ser humano que organizam o fundamento de racionalidade e conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Rocha, Paulo Archias Mendes da, 1928-. Técnica. Arte. Discurso. Questões fundamentais da existência. Projeto.

DOI: [HTTP://DX.DOI.ORG/10.11606/ISSN.2317-2762.v23i39p90-100](http://dx.doi.org/10.11606/ISSN.2317-2762.v23i39p90-100)

PÓS V.23 N.39 • SÃO PAULO • JUNHO 2016

TÉCNICA, ARTE Y TEMAS  
FUNDAMENTALES DE LA EXISTENCIA.  
CONSIDERACIONES SOBRE EL DISCURSO DE  
PAULO MENDES DA ROCHA

TECHNIQUE, ART AND FUNDAMENTAL  
ISSUES OF EXISTENCE.  
THOUGHTS ON PAULO MENDES DA  
ROCHA'S DISCOURSE

RESUMEN

El enfoque de este documento tiene como objetivo discutir la relevancia de la técnica y del arte en el discurso en la arquitectura de Paulo Mendes da Rocha. Examina los textos del arquitecto, comprometido con la praxis y discute la "técnica" a la luz de la importancia que asume en la configuración de la arquitectura y de su dependencia a un programa de vida inherente a la humanidad. La dimensión del "arte", por su parte integrada a la vida, es observada como la que siempre garantiza la condición inaugural de la obra y la prolongación de las características inherentes a los procesos ordinarios de la vida cotidiana. El argumento del texto se hace a partir de las palabras del arquitecto, considerando las memorias del proyecto, las clases impartidas, los testimonios y las entrevistas publicadas. Defiende la posición de que las especulaciones y la ética que revela el discurso son miembros de un "cuerpo del conocimiento" inherente a el "modus operandi" del proyecto. Para aquellos que conocen o se acercan a la obra, el amparo de las palabras del arquitecto explica que el saber de la arquitectura está en la discusión de un horizonte que implica al sujeto, a la humanidad y al mundo que construye. Este arco intencional, que se revela en el trazado individual de la obra, se ampara en racionalidad y enseña que la espacialidad es una condición y un valor de la vida, un discurso y una acción histórica interdependientes a la sensibilidad artística de la naturaleza humana. Para la comprensión de la arquitectura de Paulo Mendes da Rocha, que aspira ser la expresión de la objetividad como designación "radical" de la técnica, es necesario retroceder a los textos del arquitecto comprometido con la praxis e involucrado directamente con la producción de los sentidos de la arquitectura. El discurso revela que: en la "naturalidad inclusiva" de la dimensión estética se establece la mediación entre el deseo y la experiencia y que son los impulsos y sentidos del ser humano que organizan el fundamento de racionalidad y conocimiento.

PALABRAS CLAVE

Rocha, Paulo Archias Mendes da, 1928-. Técnica. Arte. Discurso. Temas fundamentales de la existencia. Proyecto.

ABSTRACT

The focus of this document intends to discuss the relevance of the technique and the art in the discourse in the architecture of Paulo Mendes da Rocha. It observes the texts of the architect committed to praxis and discusses the value of the "technique" in the architecture configuration and its attachment to a program of life humanity. The dimension of "art", in turn, also integrated into life, is seen as the one that always guarantees the condition and the extension of the attributes inherent to the ordinary processes of everyday life. The ideas of the text are based in the words of the architect – considering the published texts that mention the concepts of the projects, the lessons, the testimonies and the interviews. It advocates the position that the reasoning and the ethics revealed in the speech integrated a "body of knowledge" inherent to the "modus operandi" of the projects. For those who know or want to approach to this architecture, the hospitality of the words of the architect clarifies that the design's knowledge is in the discussion of a horizon that implies the subject, the mankind and the fabricated world. This intentional arch, which reveals itself in the individual trait of the work, is based on rationality. It teaches that spatiality is a condition and a value of lifetime, and even a speech and a historical action interdependent to the artistic sensibilities of human nature. To get to know the architecture of Paulo Mendes da Rocha, which aspires to be the expression of objectivity as designation "radical" of the technique, it is essential to go back to the texts of the architect committed to praxis and involved directly with the production of meanings of architecture. The involvement with the speech reveals that is the "natural inclusivity" of the aesthetic dimension that introduces the negotiation between desire and experience. It also reveals that the senses of human beings are those that organize the structure of rationality and knowledge.

KEYWORDS

Rocha, Paulo Archias Mendes da, 1928-. Technique. Art. Discourse. Fundamental issues of the existence Project.

## INTRODUÇÃO

*“lo que me interesa es [...] ‘el poeta en un poeta’, o el ser poético aborígen.”*

Harold Bloom (1973), *La angustia de las influencias*, 1991.

Os arquitetos, enquanto homens de seu tempo, se definem em relação a correntes de pensamento. O exercício da escrita não lhes é exatamente familiar, embora, hoje em dia, cada vez mais arquitetos publicam suas próprias narrativas, arriscando-se a textos teóricos, críticas, depoimentos, manifestos. No Brasil, no entanto, para muitos arquitetos o valor da arquitetura está somente na singularidade formal da obra. As considerações teóricas que acompanham a produção e que explicitam raciocínios advindos do universo cultural que se apropriam, justapõem e transformam múltiplas referências, não se publicam.

A reflexão da arquitetura brasileira é devedora de teorias e esquemas interpretativos que pertencem quase unicamente aos críticos e historiadores. No entanto, ao se considerar que *“o arquiteto se interessa muito pela distribuição das forças empregadas e à sua proporção com o resultado, enquanto o crítico considera o resultado, onde a tensão das forças já aparece aplacada”* (BENEVOLO, 1983 *apud* FAROLDI; VETTORI, 1997, p. 17), o procedimento reflexivo de projeto ganha interesse como foco da interpretação.

Na conduta de projeto se desenvolvem, em interação, duas ordens: *“a ordem do discurso encarregado de explicitar, de prescrever e de planejar; a ordem da ação que reconhece as possibilidades formalizadas em intenções, em seguida colocadas em prática”* (BOUTINET, 2002, p. 254). Como “método” que considera o primado da experiência e que reúne teoria e práxis, o raciocínio de projeto agrega um discurso à formalização. Este discurso envolve os autores como seres sociais inscritos em sistemas de referência, nos quais transparecem genealogias de influências e filiações, situações individuais singulares entendidas nos seus próprios parâmetros socioculturais.

É nesta perspectiva que o enfoque deste documento tem como escopo discutir a relevância da técnica e da arte no discurso da arquitetura de Paulo Mendes da Rocha, a partir de suas obras e seus próprios textos – considerados textos as memórias de projeto, as aulas ministradas, os depoimentos e as entrevistas publicadas. Ao retroceder aos textos do arquiteto comprometido com a práxis e envolvido diretamente com a produção dos sentidos da arquitetura, se assume considerar as direções e esperanças, as especulações e o sentido ético que revela o discurso da individualidade (SCHWARZ, 1979, p. 158-159)<sup>1</sup>, como integrantes de um “corpo de conhecimentos” inerente ao “modus operandi” do Projeto.

### A TÉCNICA UNIVERSAL E POSSÍVEL: A ESSÊNCIA DA TÉCNICA NÃO É A TÉCNICA

Numa época cujo espírito expõe o desarraigo do homem e sua entrega à instabilidade das coisas técnicas, o arquiteto de velhas raízes reconhece a importância da técnica como inerente à sua arquitetura. Por isso, a assume e a integra em seu ofício.

<sup>1</sup> *“a experiência do indivíduo, com sua componente de diferenciação e espontaneidade, é um elemento também do processo social, e talvez um daqueles que hoje é mais necessário aprofundar”*, SCHWARZ, Roberto (1987). “Crise e literatura”. In: *Que horas são?: ensaios*. 2ª. edição. São Paulo: Schwarcz, 2006, p. 158-159.

Para a modernidade de Mendes da Rocha, o mundo da técnica não é algo alheio à dimensão humana. O saber da técnica é transformador e a produção de conhecimentos e as descobertas pertencem ao mundo. A técnica é um saber universal, disponível, patrimonial, anônimo. E é, precisamente, esta disposição imparcial que permite que a racionalidade chegue até a humanidade<sup>2</sup>.

A técnica, para o arquiteto Mendes da Rocha, não é apenas uma conquista, é um projeto de colonização. E, no Brasil, ainda no ideal moderno e vanguardista de emancipação, se configura como uma oportunidade para a igualdade social, de tal maneira que, em palavras do arquiteto:

*Nós temos que [...] resolver essas questões da pobreza extrema já no quadro de uma passagem para novos momentos históricos. Ou seja, os conjuntos habitacionais pobrezinhos, a casa do pobre com cara de casebre, isso é uma besteira que não tem tamanho! O momento de inércia, a estabilidade dos materiais, a velocidade do trem, o conforto das aeronaves, não pode ser pobre ou rico. Avião de segunda classe não existe: mesmo que você empacote as pessoas mais desconfortavelmente, o avião em si, tem que ser um artefato perfeito. [...] Ou seja, ninguém é pobre mais no mundo. É uma falsidade ideológica você reconhecer “gente pobre”. [...] A qualidade da mensagem e o resultado do cálculo matemático, tem que ser o mesmo. Você não pode tocar um violoncelo de um modo pobre, de um modo rico (ROCHA, 2012, p. 51)*

<sup>2</sup> “Esse logos (ou ‘razão’) só pode portanto ser neutro axiologicamente, já que está à disposição de um ser racional, que dele poderá fazer um uso terapêutico ou criminoso conforme seu desejo o conduzir numa direção ou noutra”.  
LEBRUN, Gérard. “Sobre a tecnofobia”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras; Brasília, DF: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional da Arte, 1996, p. 491.

O mundo da técnica é inseparável do ofício e da atuação de Mendes da Rocha. A técnica busca a ordem e a perfeição: é uma equação matemática, um modelo, um sistema eficaz racional, abstrato e reduzido da realidade. Mas é um absoluto momentâneo, contemporâneo e, como tal, uma possibilidade ensaística. A técnica e suas possibilidades permitem a imersão em sua época, não somente como elemento instrumental, senão como valor essencial, modo autêntico da determinação e do labor da criatividade do homem na inauguração dos tempos modernos. A partir dos quais, como afirma o arquiteto,

*a natureza é vista enquanto é reproduzida e fabricada por nós mesmos. Nós só conseguimos contemplar, compreender o que fabricamos. A contemplação diz, com razão, que é sol que gira em torno da terra. É a máquina que mostra que não é. É o microscópio, os medidores, leitura de espectrômetros de massa que dizem pela luz da estrela, quantos anos ela tem. São máquinas (ROCHA, 2012, p. 53).*

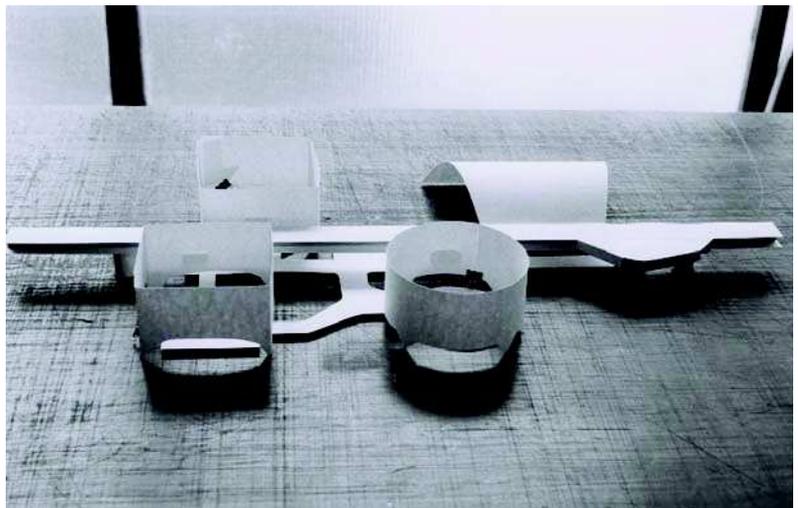
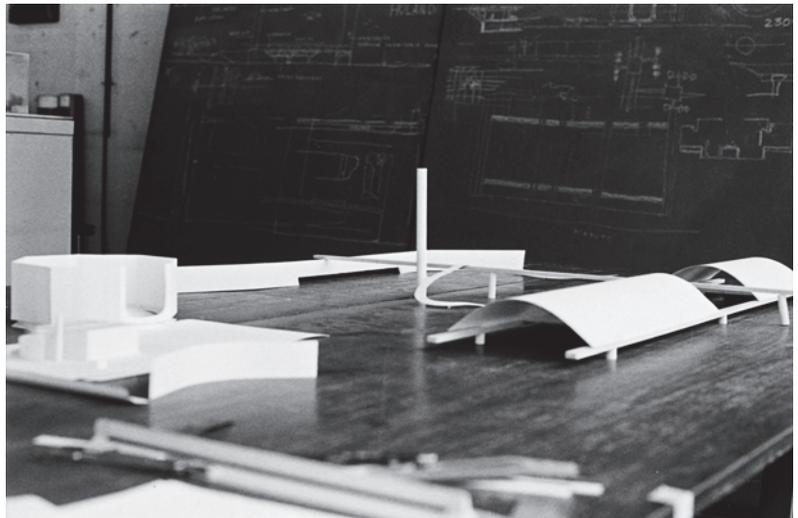
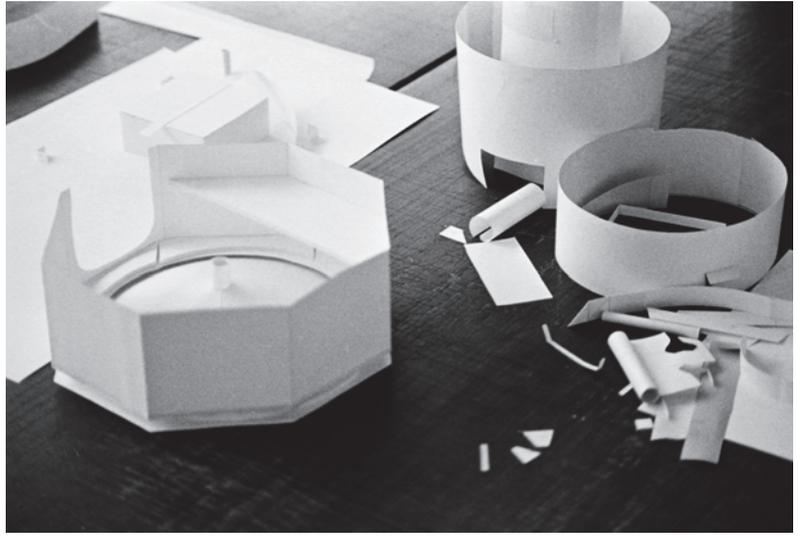
Tanto para Mendes da Rocha como para sua geração, na arquitetura as “formas surgiram do ‘engendramento’ da construção, mas, nem por isso, nada seria radicalmente cartesiano, nada” (Rocha, 2012: 38). O que revela que a relação do arquiteto com o mundo não é intelectual: é um contato real, uma decisão pela construtividade — por uma técnica. Dela resultam atos que pressupõem e levam dentro de si a invenção de um procedimento, de uma nova possibilidade, e conduzem à fabricação de artefatos.

Desde os inícios do processo de invenção do projeto de Mendes da Rocha, compõem, “como desdobramentos de um raciocínio intrínseco à arquitetura: virtudes da técnica, da beleza da geometria construtiva e dos indispensáveis agenciamentos dos discursos e da experiência sobre as transformações da natureza e do desenho da cidade” (VILLAC, 2004).

Sob este raciocínio, para o arquiteto, “A imaginação é uma questão humana, eminentemente técnica. Quem imagina tem de imaginar uma coisa, portanto tem de saber fabricar aquela coisa” (ROCHA, 1999, p. 37).



Fotos da autora. Realizadas para ilustrar a proposta de exposição de projetos e obras de Paulo Mendes da Rocha no IUAV, Istituto Universitario di Architettura di Venezia - "Paulo Mendes da Rocha architetto" - e na ETSAB, Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona - "Paulo Mendes da Rocha. Exposición em Barcelona", concretizada em fevereiro e maio de 2004, respectivamente.



<sup>3</sup> “el hombre, merced a su don técnica, hace que se encuentra siempre en su alrededor lo que ha menester — crea, pues, una circunstancia nueva más favorable, segrega, por decirlo así, una sobrenaturaleza adaptando la naturaleza a sus necesidades”, ORTEGA Y GASSET, José. *Meditación de la técnica*, Madrid: Revista de Occidente, 4ª ed., 1961, p. 17.

<sup>4</sup> “La vida humana, pues, trasciende de la realidad natural, no le es dada [...] sino que se hace él, y este hacérsela comienza por ser la invención de ella”. ORTEGA Y GASSET, José. *Meditación de la técnica*, op. cit., p. 32.

<sup>5</sup> “la técnica no es en rigor lo primero. [...] a la técnica le es prefijada la finalidad que ella debe conseguir. El programa vital es pre-técnico [...] hay, pues, una primera invención pre-técnica, la invención por excelencia, que es el deseo original”. ORTEGA Y GASSET, José. *Meditación de la técnica*, op. cit., p. 47.

<sup>6</sup> “La cupiditas, el deseo, constituye la esencia del hombre, la razón no es su culminación, sino sólo [...] el estrato más ‘frío’ y ‘tranquilo’ [...] El hombre es, pues, un animal que desea, más que un animal racional”. BODEI, Remo. “La razón de las pasiones”. In: JARAUTA, Francisco (Org.). *Otra mirada sobre la época*, Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos / Librería Yerba / Caja Murcia, 1994, p. 185.

<sup>7</sup> «los deseos son – en el lenguaje filosófico – un tipo particular de pasiones: pasiones de esperanza respecto a un bien futuro». BODEI, Remo. “La razón de las pasiones”. In: JARAUTA, Francisco (Org.). *Otra mirada sobre la época*, Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos / Librería Yerba / Caja Murcia, 1994, p. 181.

Compreendida como ato de conhecimento, a “fabricação”, quando é invenção de uma “sobrenaturaleza”<sup>3</sup> (ORTEGA Y GASSET, 1961, p. 17) ou transformação da circunstância natural, é, para o arquiteto, um problema de engenharia que permite organizar um anseio antevisto. Como relata Mendes da Rocha:

*eu vi obras de engenharia, transformações, desde cedo. Qual é a graça da transformação e da obra de engenharia? Primeiro, enquanto obra de engenharia, você saber que namora uma coisa, projeta sobre ela desejos realizáveis — você está mobilizando carroças, tratores, pás, ferramentas, que você sabe que possui para realizar o que deseja. Ninguém sonha fantasias puras!* (ROCHA, 2012, p. 58).

O rigor da engenharia revela o modo construtivo de adaptação do meio natural à presença humana. A necessidade, que indaga a natureza, e que se propõe à sua transformação para engendrar o habitat desejado, confirma a técnica como um procedimento específico de adaptação humana. Atos técnicos confirmam a humanidade do homem, já que “*não há homem sem técnica*” (ORTEGA Y GASSET, 1961, p. 29), e também o confirmam como “*inventor de sua própria vida*” (ORTEGA Y GASSET, 1961, p. 32).<sup>4</sup> Pois,

*[...] quando você compreende essas configurações, dentro do caráter das condições sociais, digamos assim, já integradas com os problemas da cidade, a cidade, enfim, passa a ser uma verdadeira ciência tirada dessas emoções e dessa curiosidade do homem sobre a natureza. Que no fundo é uma curiosidade em torno, principalmente, da questão “o que sou eu nesse universo”. E descobre-se que nós só somos o que fabricamos. Não somos mais nada* (ROCHA, 2012, p. 59).

Por conseguinte, a técnica, não compreendida como uma visão cartesiana do mundo, é afirmação da existência; permite aceder à evidência da configuração e possibilita a materialização de um programa vital, porque “*a técnica não está em primeiro plano. [...] à técnica está estabelecida a finalidade que ela deve alcançar. O programa vital é pré-técnico [...] há, pois, uma primeira invenção pré-técnica, a invenção por excelência, que é o desejo original*” (ORTEGA Y GASSET, 1961, p. 47)<sup>5</sup>.

E esta intenção de atender às necessidades e desejos anímicos para construir uma nova realidade habitável, materializada pela técnica, estabelece uma relação com a natureza, vitaliza a forma abstrata já que, ao realizar um ato técnico, construtivo, o que conduz a operação técnica é, fundamentalmente, a um desejo original<sup>6</sup>. A capacidade técnica do homem — que exige um processo racional e o rigorismo do pensamento lógico —, possibilita realizar o que se antecipou, de maneira prévia, no horizonte da emoção<sup>7</sup>, uma vez que,

*quando você faz uma dinamitação de um rochedo — o que, talvez seja uma pena —, e com aquele escombro, aqueles pedaços de pedra, constrói um quebra-mar lá na frente e, depois, entre o quebra-mar e o continente, você aterra tudo e drena, e ganha do mar um território plano, e expande o espaço da cidade, porque você quer que seja ali, junto ao mar, até porque aquilo que ficou lá junto ao muro se torna um cais, e aí para o barco, e eis que surge o armazém que vai vender a mercadoria que vem na canoa... você organiza aquela primeira emoção* (ROCHA, 2012, p. 58-59).

## ARQUITETURA É ARTE?

As obras de Mendes da Rocha nascem da emoção, são transformações da natureza e de uma determinada equação sobre a dinâmica da realidade que organizam emoções. A arquitetura que nasce da emoção, na potencialidade do desejo e na providência da necessidade, como aquilo que, em constante mutação, está ainda por fazer, estabelece que a função mediadora, entre aspiração e conhecimento, se organiza na imaginação estética e se refere ao que com ela se compromete. Portanto, concilia as aspirações dos sentidos com as leis da razão (SCHILLER *apud* MARCUSE, s/d, p. 169), como uma dimensão essencial para o exercício da liberdade e da autonomia.

A configuração da arquitetura, cujas decisões construtivas e funcionais pertencem à racionalidade da técnica, se associa, portanto, à vocação humana pela arte. São construções que dependem da dimensão técnica e construtiva, porém mediatizadas por operações artísticas e assentadas em um programa vital que se realiza na experiência. O programa vital, anterior à técnica, revela que a subjetividade humana adquire dimensão real e racional quando se assume um desejo que é argumento de sua própria vida<sup>8</sup> e que, em última instância, contém a amplitude do argumento social de sua arte.

Por conseguinte,

*todas as contradições da obra isolada devem, enquanto obra de arte, ser vistas no seu conteúdo de universalidade quando o possui. É por isso que se distinguem projetos com o nome de seu autor, são projetos que nós faríamos. Quer dizer, são projetos que contêm os nossos desejos e, enquanto particulares, são contribuição ao universal* (ROCHA, 1974, p. 13).

A dimensão de universalidade da arte consiste em garantir um plano crítico permanente<sup>9</sup>, público e aberto tal que o atributo artístico deve compreender-se de modo antropológico, como manifestação da criatividade e do compromisso social. A arte da obra busca a liberdade formal necessária para descobrir, fundar e experimentar novas formas que proporcionem sentido ao mundo. A arte como construção, compreensão de procedimentos e percepção orgânica e estética revela que a ação, quando aporta um novo sentido, é histórica. Assim mesmo, deve ocupar um lugar na existência, como fenomenologia reconhecível por todos os homens, uma vez que *“A arquitetura realiza o que os homens, na totalidade de sua história, conquistaram realmente”* (ROCHA, 1974, p. 12).

Pela manifestação artística, o homem realiza *“A condição de sua existência”* (ROCHA, 1986, p. 28). É na manifestação artística que se reafirma uma condição sempre inaugural.

*Ou seja, [o homem] é um ser, esse mesmo ser que somos nós, que se inventa. O homem é uma invenção dele mesmo. Isso quero dizer não em relação ao século XX, mas em relação a 2,3,4 milhões de anos, desde que a vida foi gerida por nós mesmos, pela nossa espécie. Nós nos inventamos e nos inventaremos sempre* (ROCHA, 1986, p. 28).

Para o arquiteto Mendes da Rocha, a essência da humanidade é artística: *“O homem é um artista, um artista do universo, é a parte inteligente do universo”* (ROCHA, 2012, p. 42). Esta é uma proposição com uma clara base naturalista que, diferentemente do esteticismo que separa a arte da vida, concebe toda experiência humana como uma questão artística (DEWEY *apud* LEAL, 1995, p. 10). Pensar a arte integrada à vida é propor que esta está já prefigurada na vida cotidiana e que a mesma desencadeia a experiência estética como o

<sup>8</sup> *“El técnico o la capacidad técnica del hombre tiene a su cargo inventar los procedimientos más simples y seguros para lograr las necesidades del hombre. Pero éstas, como hemos visto, son también una invención; son lo que en cada época, pueblo o persona, el hombre pretende ser”*, José Ortega y Gasset, *Meditación de la técnica*, op. cit., p. 47.

<sup>9</sup> *“Na arte o componente crítico está sempre presente e operante”*. ARGAN, Giulio Carlo (1964). *Projeto e destino*. 2ª impressão. São Paulo: Ática, 2001, p. 56.

prolongamento e a intensificação de certas características inerentes aos processos ordinários da vida.

Para o arquiteto que afirma “*eu não posso fazer nada, estou condenado, não posso fazer nada que não seja uma obra de arte*” (ROCHA, 2012, p. 42), a condição artística é sentido último, “*razão da existência humana*” (ROCHA, 2012, p. 42), e sua dimensão abre o horizonte do conhecimento como revelação inexorável da criatividade natural ao ser humano.<sup>10</sup>

## ARQUITETURA: TÉCNICA, ARTE E DISCURSO

Para o arquiteto Mendes da Rocha, uma emoção incita a buscar uma imagem única e diferenciada e a perfeição da técnica seduz como um meio para alcançar a finalidade inventiva da obra. Como dizer que a arquitetura está submetida a procedimentos expressivos e aspira concretizar a expressão da objetividade como designação “radical e inclusiva” da obra de arte. A arte qualifica o gênero humano e os atos técnicos confirmam a humanidade do homem. Mas “*uma arquitetura de vontades e desejos*” (ROCHA, 2012, p. 34) e que “*sempre foi uma obra, uma construção com atributos ligados à possibilidade do fazer*” (ROCHA, 2012, p. 56) é também “*um relato sobre aquilo que imaginamos ser a realidade, isto é, antes de tudo o que é a realidade: um instrumento de transformação. Nada que se cristalize para ficar. A arquitetura como discurso*” (ROCHA, 2012, p. 34).

Na condição humana, a possibilidade de manifestação artística amparada pela técnica reencontra o princípio do tempo em que se confunde com o discurso, pois “*arte sempre foi ciência..., e filosofia — se você quiser dizer assim, para se compreender, fácil com palavras —, o universo amplo que você quer dizer das coisas*” (ROCHA, 2012, p. 40).

Não há, portanto, esgarçamento entre a criação de novos valores, o conjunto de proposições de caráter científico, o estudo teórico da realidade. O olhar, que unifica técnica, arte e discurso, remete às antigas concepções da arte como *poiêin* — como “fazer” no qual não havia a distinção entre arte em seu sentido próprio e arte como técnica —, e arte como *techne* — como “ofício” ou um “modo de fazer [incluindo no fazer o pensar] algo”.

O que, finalmente, assinala que a arte e a técnica da arquitetura não tratam apenas de projetar coisas, obras, cidades, territórios, senão de despertar o sujeito e induzir a uma atitude livre e inventiva – um “habitat” – como ação da inteligência<sup>11</sup>. Isto se traduz na projeção de um raciocínio que ensina que a questão da arquitetura está, ao mesmo tempo, no rigor da engenharia – que desvela o modo construtivo –, na arte que arbitra o caráter imanente da equação forma/espaco e em uma visão crítica acerca do andamento histórico, uma vez que “*a arquitetura, como forma de conhecimento, não aparece [...] [e] esteja atrasadíssima no âmbito do discurso do que seja a compreensão que temos de nós mesmos*” (ROCHA, 2012, p. 46-47).

Consequentemente, à inocência da pura força produtiva é imperioso que se lhe acrescente um discurso com um princípio de responsabilidade, que não negue a essência técnica da humanidade —, pois isso afirmaria uma posição defensiva, tecnofóbica e conservaria um estado de atraso, incompatível com a imaginação. Da mesma maneira, deve mencionar que, na era da tecnologia, a técnica necessita, por um lado, um controle através da razão de seus fins<sup>12</sup> e,

<sup>10</sup> Ver: OSTROWER, Fayga (1977). *Criatividade e processos de criação*. 23ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008.

<sup>11</sup> “*la manera más inteligente de ser inteligente es crear la dignidad humana como proyecto supremo*”. MARINA, José Antonio. *Teoría de la inteligencia creadora*. Barcelona: Anagrama, 1993, p. 235.

<sup>12</sup> Ver LEBRUN, Gérard. “Sobre a tecnofobia”. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras; Brasília, DF: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional da Arte, 1996, pp. 471-494.

por outro que, na arquitetura, quando a técnica é tecnologia, que o projeto compareça mediado por operações artísticas.<sup>13</sup>

Para Mendes da Rocha, entre técnica e arte não há propriamente uma dicotomia, senão que ambos os procedimentos são a *techné* e a *poiesis* da obra mesma, ocorrem no interior do mesmo ato criativo-formativo de uma intencionalidade que busca afirmar valores. O arquiteto declara que *“filosofia, ciência e arte é uma coisa só”* (ROCHA, 2012, p. 42). Em efeito, em sua arquitetura a natureza inventiva está associada a uma ação voluntária na qual a técnica é força produtiva que acerca a noção de engenho à genealogia, ao gênero humano. Esta intencionalidade define o *“estado de consciência do homem ‘em situação’, na situação objetiva do mundo [sempre] atual”* (ARGAN, 2001, p. 51). Mas, principalmente sua ‘humanidade’ revelada em discurso, uma vez que *“um projeto sai da mente para os pilares, as vigas, as paredes, e você tem que ser competente para realizar essa transformação de uma ideia em coisa. Essa ideia, entretanto, é tudo o que o homem pode pensar sobre sua própria existência”* (ROCHA, 2012, p. 39).

### CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO DE PAULO MENDES DA ROCHA

Uma arquitetura em processo de formalização, complexa e em contínua fenomenização, não admite um texto conclusivo de seus sentidos, porque a obra está em movimento de realização. Não só porque o arquiteto segue configurando sua obra, senão, também porque a obra interpela a reflexão de seus atributos sensíveis permanecendo aberta a outros possíveis sentidos, à dinâmica temporal e à trama histórica em curso.

A arquitetura de Paulo Mendes da Rocha admite sínteses provisórias de sentido, cujo limite está na tensão que se estabelece com um núcleo passional e é contrario a uma visão unilateral e redutora do projeto, cujo processo criativo faz parte de um raciocínio que exige domínio da complexidade que, certamente, inclui *“o pensamento, a reflexão, por um lado, e o domínio das coisas simples que incluiria a ação, por outro”* (MORIN, 2001, p. 115).

Embora na arquitetura a resultante do projeto seja sempre uma forma e esta *“nunca é um conceito”* (OSTROWER, 2008, p. 69), há que se pensar que *“as formas [...] ‘selecionadas’ dentro de possibilidades latentes da matéria [...] referem-se a valores culturais”* (OSTROWER, 2008, p. 40), uma vez que *“não há objeto sem um sujeito (que observa, isola, define, pensa), e não há um sujeito sem um ambiente objetivo (que lhe permite reconhecer-se, definir-se, pensar-se, et., mas também existir)”* (MORIN, 2001, p. 67).

Portanto, ao considerar os discursos do arquiteto da práxis, sua capacidade de apreciação, visão de mundo e substratos de raciocínio, o papel social da arquitetura passa a integrar um universo cultural mais dilatado e, ao mesmo tempo, contesta um olhar crítico que, dentro do marco de referência interpretativo usado como postulado, se assoma ao objeto de estudo de forma determinada, tendo o sujeito subtraído do processo, *“precisamente porque este é indescritível, segundo os critérios do objetivismo”* (MORIN, 2001, p. 65).

O valor destes discursos, muitas vezes híbridos, imprecisos do ponto de vista das teorias filosóficas e das análises especializadas permanece como nos textos dos artistas, *“apesar, ou até mesmo por causa, de seus desvios intelectuais,*

<sup>13</sup> *“Há no projetar da arte um sentido, um interesse, uma paixão da vida que não encontramos na lógica irrepreensível da projeção tecnológica: essa projeção que cresce sobre si mesma por sucessivas ilações ignorando a alternativa de morte que acompanha toda ação moral, e, portanto, está sempre em perigo de ultrapassar, sem sequer se dar conta, o limite da vida”.* ARGAN, Giulio Carlo (1964). *Projeto e destino*. 2ª impressão. São Paulo: Ática, 2001, p. 58.

bem mais próximo(os) da realidade” (CAUQUELIN, 2005, p. 133). Sua contribuição peculiar à teorização e interpretação da arquitetura está no fato de assegurarem a intermediação entre o verbal e o não verbal; de refletirem o contato estreito com a singularidade do projeto, onde a teoria aparece sob a forma de escolhas advindas de um repertório, mas também do que se elabora, como ‘consciência estruturante’ (ARGAN, 2001, p. 51)<sup>14</sup>, na experiência engajada ao imaginário sociocultural do tempo presente.

As formas, amparadas pela disponibilidade técnica e pela capacidade inventiva, permanecem. Mas são as ‘matrizes de ideias’ (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 111), inerentes à obra e abertas à interpretação, que assinalam que a definição de hábitat que configura a obra arquitetônica depende de um ethos estético<sup>15</sup>. É o discurso que

*pensa elogiar o próprio trabalho feito, ao projetar a forma de fazê-lo como um gozo da riqueza conquistada, atribuindo-lhe valor especialmente humano, com uma forma. Não como monumento a alguma circunstância, mas com a monumentalidade indispensável ao exercício da própria vida, na sociedade* (ROCHA, 1981, s/n).

<sup>14</sup> “O projeto é, no sentido mais atual e preciso do termo [...] estrutura da sociedade [...] [que] não é concebível como forma acabada e imóvel, mas como estruturação, ‘consciência estruturante’”. ARGAN, Giulio Carlo (1964). *Projeto e destino*. 2ª impressão. São Paulo: Ática, 2001, p. 51.

<sup>15</sup> Ver: PAREYSON, Luigi (1954; 1988). *Estética: Teoria da formatividade*. Petrópolis: Vozes, 1993.

## REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo (1964). *Projeto e destino*. Paulo: Ática, 2001.
- BODEI, Remo. La razón de las pasiones. In: Francisco Jarauta (Org.). *Otra mirada sobre la época*. Murcia: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Técnicos / Librería Yerba / Caja Murcia, 1994, p. 175-190.
- BOUTINET, Jean-Pierre (1999). *Antropologia do projeto*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CAUQUELIN, Anne (1998). *Teorias da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FAROLDI, Emilio; VETTORI, Maria Pilar, (1995). *Diálogos de arquitetura*. São Paulo: Siciliano, 1997.
- LEAL, José García Leal, *Arte y experiencia*. Granada: Comares, 1995.
- LEBRUN, Gérard. Sobre a tecnofobia. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 471-494.
- MARCUSE, Herbert. A dimensão estética. In: MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. 8.ed. São Paulo: Guanabara, 198-.
- MARINA, José Antonio. *Teoría de la inteligencia creadora*. Barcelona: Anagrama, 1993.
- MERLEAU-PONTY, Maurice (1952). A linguagem indireta e as vozes do silêncio. In: *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 65-120.
- MORIN, Edgar (1990). *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa, 2001.
- ORTEGA y GASSET, José. *Meditación de la técnica*. Madrid: Revista de Occidente, 4ª ed., 1961.
- OSTROWER, Fayga (1977). *Criatividade e processos de criação*. 23ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- PAREYSON, Luigi (1954; 1988). *Estética: teoria da formatividade*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- ROCHA, Paulo Mendes da. A construção do olhar de Paulo Mendes da Rocha. Depoimento a Maria Isabel Villac, maio de 1995; junho de 2007. In: ROCHA Paulo Mendes da.; VILLAC, M.I. (Org.). *América, natureza e cidade*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012, p. 27-87.
- ROCHA, Paulo Mendes da. De um traço nasce a arquitetura. *Arc Design*, São Paulo, n. 1, 1999, p. 36-39.
- ROCHA, Paulo Mendes da. Exercício da modernidade, entrevista a José Wolff. *AU – Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, ano II, n. 8, p. 25-31, oct/nov. 1986.
- ROCHA, Paulo Mendes da. Ideia e desenho. *Folha de São Paulo*, Folhetim, 10/05/1981, s/n.
- ROCHA, Paulo Mendes da. A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. *CJ Arquitetura*, n. 3, p. 10-13, nov/dez. 1973 – jan 1974.
- SCHWARZ, Roberto (1987). Crise e literatura. In: *Que horas são?: ensaios*. 2. ed. São Paulo: Schwarz, 2006.

VILLAC, M. Isabel. *A construção do olhar: natureza, cidade e discurso na arquitetura de Paulo Mendes da Rocha*. 2002. Não paginado. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidad Politécnica de Catalunya. Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Barcelona, 2002.

VILLAC, M. Isabel. *Paulo Mendes da Rocha. Exposição em Barcelona*. Barcelona: Universidad Politécnica de Catalunya. Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Barcelona, 2004.

#### **Nota do Autor**

Este estudo é parte de tese doutoral não publicada, com título acima mencionado, orientada pelo prof. dr. Josep Quetglas, na Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona (ETSAB). Apresenta considerações sobre o valor da técnica, da arte e das questões fundamentais da existência no discurso e na obra do arquiteto Paulo Mendes da Rocha. É uma versão que contém trechos do 3º. Capítulo, “A construção do olhar do arquiteto. Natureza, Cidade e Discurso na Arquitetura” e do 4º. Capítulo “A Arquitetura de Paulo Mendes da Rocha. Uma consideração sobre limites. A modo de conclusão”.

#### **Nota do Editor**

Data de submissão: 29/01/2016

Aprovação: 09/03/2016

Revisão: Izolina Rosa Jesus

---

#### **Maria Isabel Villac**

Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

CV: <http://lattes.cnpq.br/2140594056419912>

belvillac@gmail.com, belvillac@mackenzie.br